



**MOVIMENTOS DE CELEBRAÇÃO DA ITALIANIDADE EM CASCAVEL/PR:
ALGUMAS PERCEPÇÕES¹**

***MOVEMENTS CELEBRATING THE ITALIAN ANCESTRY IN
CASCAVEL/PARANÁ STATE: SOME PERCEPTIONS***

Wânia Cristiane Beloni²

RESUMO: O contexto social escolhido para a pesquisa envolve um grupo de descendentes de italiano em Cascavel. O comportamento desse grupo perante a própria identidade é uma forma de entender se as fronteiras étnicas são mantidas por meio de celebrações, pois este grupo está inserido em uma comunidade multicultural, convivendo com outras descendências e também com brasileiros de outras regiões, como do norte do Paraná, dos estados de São Paulo, Minas Gerais. Mesmo assim, italodescendentes ainda acreditam que manifestações culturais de celebração étnica, tais como festas, associações, encontros de família e movimentos artísticos e midiáticos sejam importantes para que a cultura do grupo seja preservada. Nesse sentido, com o objetivo de demonstrar o comportamento e as percepções de alguns descendentes de italiano em Cascavel perante a cultura de seus antepassados foram selecionados 18 informantes, italodescendentes de colonização sulista e que moram nessa localidade há mais de 30 anos ou que nasceram nesse município, os quais foram distribuídos nas seguintes dimensões: diageracional e diassexual. A partir disso, foram realizadas entrevistas individuais, por meio da aplicação de um questionário semidirigido. Os dados oportunizam verificar o comportamento perante a cultural da comunidade ítalo-brasileira de frente sulista, ou seja, daqueles que vieram do Rio Grande do Sul e/ou Santa Catarina. Constatamos que dependendo de fatores sociais, como sexo e faixa etária, assim como de fatores históricos, as percepções, as crenças e atitudes dos informantes são diferenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: manifestações étnicas, cultura, italianidade.

ABSTRACT: The social context chosen for this paper involves a group of Italian descendants in Cascavel. This group's own behavior toward their identity is a way of understanding whether the ethnic frontiers are preserved through celebrations, since this group is part of a multicultural community living with other descendants, as well as with Brazilians from other regions, such as the north of Paraná State, São Paulo State, and Minas Gerais State. Nevertheless, Italian descendants continue to believe that the cultural expressions of ethnic celebration, such as feasts, associations, family gatherings and artistic and media movements are important to preserve the group's culture. In this sense, to demonstrate the behavior and perceptions of some Italian

¹ Este artigo é parte dos resultados da dissertação de mestrado "Um estudo sobre a fala de italodescendentes em Cascavel-PR", vinculada ao projeto de pesquisa "Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o *talian* e o português", aprovado pelo Comitê de Ética da Unioeste, por meio da Plataforma Brasil, com o número de parecer 289.274, no início de junho de 2013.

² Mestre em Letras - Linguagem e Sociedade. Bolsista da Capes. Centro de Educação, Comunicação e Artes (Ceca), Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: wania.beloni@hotmail.com



descendants in Cascavel toward the culture of their predecessors, we selected 18 Italian-descent respondents whose predecessors settled in the South, and that have been living in this region for over 30 years or were born in this town. They were distributed into two dimensions: the diagenational dimension and the diasexual dimension. Based on that, we conducted one-to-one interviews, through a semi-guided questionnaire. Data enables the verification of their behavior toward the culture of the Italian-Brazilian community settled in the South, i.e., the community from Rio Grande do Sul State and/or Santa Catarina State. We concluded that depending on social factors, such as sex and age, as well as historical factors, the respondents' perceptions, beliefs and attitudes vary.

KEY-WORDS: ethnic expressions, culture, Italian ancestry.

Introdução

O Brasil recebeu, em diferentes momentos de sua história, alemães, italianos, poloneses, ucranianos, russos, holandeses, gregos, húngaros, armênios, chineses, ladinos, ingleses, japoneses, libaneses, espanhóis, entre outros, para que pudessem colonizar diferentes regiões do Brasil, depois da independência do Brasil, no século XIX. Heye e Vandressen (2006, p. 384) lembram que foi a partir disso, aliado às dificuldades geradas pelo tráfico negreiro, que o governo brasileiro abriu suas portas para a imigração europeia, para garantir a mão de obra na agricultura.

Os italianos se instalaram no Rio Grande do Sul entre 1879 e 1886. Alguns relatórios consulares apresentam estimativas sobre o número de italianos no Brasil para determinados momentos. “Assim, em 1908 o número de italianos no Rio Grande do Sul era estimado em 100.000 pessoas, entre imigrantes e filhos já nascidos no Brasil” (BALHANA, 1987, p. 122). O autor conta, ainda, que no mesmo ano, em Santa Catarina, a estimativa era de 30 mil italianos e seus descendentes, no Paraná 18 mil, em Minas Gerais 25 mil e no Espírito Santo 50 mil.

Os colonos começaram a deixar o estado do Rio Grande do Sul, com o esgotamento das terras destinadas à ocupação colonial. Giron e Corsetti (1990) explicam que apesar de muitos imigrantes terem terras, estas não eram suficientes para o sustento da família, que crescia com o tempo, a qual era o seu verdadeiro patrimônio. “Poucos deixaram parentes diretos para trás” (GIRON; CORSETTI, 1990, p. 487).

Muito antes da chegada dos europeus ao Oeste do Paraná, no entanto, já se encontravam nesta região os índios caingangues. Em 1557, a região teve a ocupação iniciada pelos espanhóis, quando fundaram a *Ciudad del Guairá*, atual Guaíra. Em 1730 a região também contou com uma



nova ocupação, com o tropeirismo³. No entanto, o povoamento de Cascavel começou efetivamente no fim da década de 1910, quando colonos caboclos e descendentes de imigrantes eslavos, no auge do ciclo da erva-mate, aqui chegaram.

Apenas na década de 1930, quando o ciclo da erva-mate foi extinto e que se iniciou o ciclo da madeira, é que diversas famílias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul constituíram a base populacional de Cascavel. Essas famílias, formadas por colonos sulistas, sendo maioria descendente de poloneses, ucranianos, alemães e italianos, além dos caboclos oriundos das regiões cafeeiras, começaram a explorar a madeira e a cultivar a agricultura e a criação de suínos. Com o esgotamento das áreas de mata nativa, devido à extração madeireira, o setor agropecuário se desenvolveu e tornou-se a base econômica do município.

Atualmente, a cidade de Cascavel está com 63 anos e é considerada uma metrópole do Oeste do Paraná. Com cerca de 300 mil habitantes, o município conta com migrantes de diversas regiões do Brasil, assim como de outros países. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, das 286.205 pessoas residentes no município, a maioria, sendo mais de 259 mil, nasceu na região Sul do Brasil. Os dados de 2010 reafirmam os dados de 1970, apresentados por Piaia (2013), registrando que a maioria da população em Cascavel era proveniente dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Desde aquela época, porém, a cidade já contava com a presença de brasileiros de outros estados como São Paulo e Minas Gerais, ainda que em número pequeno. O comportamento dos italodescendentes perante a própria identidade étnica é uma forma de entender se as celebrações dessa comunidade ainda são formas de expressão cultural em um ambiente multiétnico.

Método e procedimentos da pesquisa

Para o desenvolvimento deste trabalho foram selecionados 18 informantes, com os seguintes requisitos básicos: ser descendente de italiano de colonização sulista pelo lado paterno⁴,

³ Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

⁴ Os descendentes de italianos selecionados para esta pesquisa foram definidos tendo como prioridade a descendência pelo lado paterno, pois o parentesco linhagista se mantém no domínio do sobrenome paterno. Savoldi (2008, p. 29) observa que a descendência compreende todos os descendentes pelos homens ou pelas mulheres, mas que em nossa sociedade a linhagem paterna é a que vigora, assim como Akoun (1983) nota: “podemos notar que o parentesco linhagista se mantém no domínio do nome. Em realidade é o nome do pai que é o nome da família, quer dizer, um nome de linhagem paterna”.



tendo sobrenome italiano; morar em Cascavel há pelo menos 30 anos; ser nascido em Cascavel, no caso da faixa etária mais jovem.

Como uma das hipóteses é de que a faixa etária, assim como o sexo poderiam contribuir nas percepções dos descendentes sobre a italianidade, foi selecionada a mesma quantidade de informantes de sexos diferentes, distribuídos em três faixas etárias distintas. Assim, foram estabelecidas as seguintes dimensões: - diassexual (masculino e feminino); - diageracional (GI, 20 a 40 anos; GII, 40 a 60 anos; GIII, mais de 60 anos). Neste sentido, para designar o sexo adotamos a letra H para homem e M para mulher, na sequência a faixa etária GI, GII ou GIII e em seguida, *a*, *b* ou *c*, para diferenciar os três informantes de cada faixa etária.

A coleta dos dados obedeceu a três procedimentos básicos: observação participante, entrevista, com uso do questionário semidirigido, e transcrição grafemática. Os dados foram coletados no período compreendido entre os meses de junho e julho de 2013, em Cascavel.⁵ Foram selecionadas respostas e comentários sobre as seguintes questões para este artigo: 100. Participa ou já participou de algum movimento italiano? Coral, grupo, ou algo assim?; 106. Aqui em Cascavel existe alguma festa italiana? Qual é sua opinião sobre ela(s)?; 107. Há alguma entidade em Cascavel (clube, associação, programa...) que valoriza a cultura italiana? Você acha importante? Por quê?; e 108. Você acha que o que existe e está sendo feito é suficiente para manter e promover a cultura italiana? Qual a sua opinião?

Identidade étnica

Quando se fala em etnia, em etnicidade⁶, a ideia de descendência ou ancestralidade é a base comum, o que se vincula à noção de cultura e conseqüentemente de língua. Para Oro (1996), a identidade étnica pode ser observada de duas formas: “primordialista” e “situacionista”. Para a linha primordialista, a identidade étnica é aquela inata, congênita e primordial, de ordem

⁵ As aplicações do questionário foram feitas por meio de entrevistas individuais, previamente agendadas. Entre o mês de agosto de 2013 a janeiro de 2014, foram realizadas as 18 entrevistas, as quais resultaram em aproximadamente 1.468 minutos, ou seja, 24 horas e 28 minutos. No entanto, para a pesquisa de mestrado foi feito um recorte do projeto de pesquisa “Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o *talian* e o português” e para este artigo um recorte da dissertação.

⁶ “É importante distinguir etnicidade de diferenciação racial. Enquanto esta última ocorre em termos de diferenças físicas que se acredita serem biologicamente herdadas, a diferenciação étnica se dá em termos de diferenças culturais que têm de ser aprendidas” (REX, 1996, p. 282). Apesar de um dos preceitos para fazer parte da comunidade italiana, por exemplo, é ser descendente e ter um sobrenome italiano, essa pesquisa não tem como objetivo abordar questões raciais, mas sim, étnicas.



biológica, territorial, linguística, econômica, cultural. Para a situacionista “a identidade étnica se caracteriza por um sentimento de pertencimento grupal baseado na auto-atribuição e atribuição pelos outros” (ORO 1996, p. 612).

O antropólogo social da Noruega, Frederik Barth, um dos que defendem a perspectiva situacionista, a qual será a base para esta pesquisa, define grupo étnico como formas de organização social: “Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional” (BARTH, 2011, p. 194).

Para que exista uma identidade étnica é preciso ter uma diferença, algo que diferencie determinado grupo do restante. Machioski define que “a identidade étnica aparece no contraste das relações interétnicas, ou seja, trata-se da afirmação de um ‘nós’ diante dos ‘outros’” (MACHIOSKI, 2004, p. 28). Em outras palavras, a etnicidade vai se formar quando um grupo se encontra em um ambiente interétnico, de diferenças: “É precisamente quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham diretamente confrontadas com os outros grupos que suas especificidades culturais tornam-se fontes de mobilização coletiva e que se desenvolve” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 71). Assim, as fronteiras (critério de pertencimento e exclusão) de um grupo étnico podem ser as diferenças que mantêm um grupo vivo. São esses confins que o diferenciam da sociedade geral, do contexto ao redor. A identidade étnica pode, portanto, ser expressa por meio do comportamento do grupo, seja por movimentos e ações sociais, como festas, grupos de dança, de música e associações, seja por pratos típicos da culinária.

Movimentos em prol à cultura italiana em Cascavel

Observando a comunidade, percebemos que o contexto da cultura italiana em Cascavel pode ser visualizado a partir de nomes próprios, sobrenomes, assim como substantivos e adjetivos, todos em língua italiana, seja na forma padrão, no dialeto ou no *talian*, que estão por toda parte. Estampando os nomes de lugares comerciais e públicos, o léxico, presente nas placas e faixas de restaurantes, edifícios, mercados, sorveterias, entre outros negócios, assim como em nomes de ruas, por exemplo, revela a valorização e a preservação da cultura italiana na cidade.



Cascavel já contou com uma *Agenzia Consolare Onoraria*, fundada nesta cidade em 2000, mantida pelo Governo Italiano e representada por Geraldo Sostizzo até 2010. A agência providenciava cidadanias e passaportes, evitando que os descendentes italianos de Cascavel e região precisassem ir a Curitiba para fazer seus documentos.

Outra manifestação da cultura italiana é o Círculo Italiano de Cascavel, fundado em 28 de outubro de 1991, por Gicelda e Armindo Cavalca. A criação do círculo deu-se a partir de atividades e brincadeiras de canto e dança, jantares e reuniões realizados na residência do casal fundador, com o objetivo de valorizar a tradição italiana e integrar descendentes.

Em outubro de 1995, cinco casais de amigos do Círculo Italiano de Cascavel começaram a se reunir com o objetivo de formar um grupo de dança italiana. Segundo dados do *site* oficial do grupo de dança (www.ladridicuori.com.br), com o tempo, o grupo começou a atrair outros jovens, até mesmo de outras origens culturais, e hoje o grupo conta com 28 componentes. A primeira apresentação do grupo ocorreu em 1996, no Restaurante Santa Felicidade, e em setembro do mesmo ano a equipe já contava com 10 integrantes, quando então passou a ser denominado de *Gruppo Folklorico Italiano Ladri di Cuori*. O nome *Ladri di Cuori* vem da frase *Gli italiani sono tutti ladri... di cuori*, que pode ser traduzida para: “Os italianos são todos ladrões... de corações”.

Já o grupo *Filò*, de canto de música folclórica italiana de Cascavel, surgiu em meados de 1997. Segundo o Jornal Hoje, de Cascavel, do dia 3 de junho de 2012, o grupo lançou no início de 2012 o primeiro CD, o qual conta com 15 músicas da cultura folclórica italiana, tais como *Da l'Italia noi siamo partiti (Mérica, Mérica)*, *Quel mazzolin di fiori* e *Nel mio bel giardin*. Todos os componentes do grupo são descendentes de italianos, segundo registra a reportagem.

O programa *Italia del mio cuore*, conforme matéria publicada no Jornal O Paraná, de Cascavel, do dia 7 de abril de 2012, foi ao ar pela primeira vez no dia 4 de fevereiro de 1996, pela Rádio Nacional, passou pela Rádio Capital por um tempo e, desde 2007, é transmitido pela Rádio Colméia (AM - 650 KHZ). Apresentado por três componentes do grupo de canto *Filò*, Ermilo Zanatta, 55 anos na época, João Nichetti, 61 anos, e Enore Savoldi (*in memoriam*), 76 anos, o programa vai ao ar há 19 anos e tem como objetivo, segundo os apresentadores, a manutenção da cultura ítalo-vêneta em toda a comunidade, “que é grande no Oeste paranaense”. O programa vai ao ar todos os sábados, a partir das 15h30, ao vivo, e por cerca de 1h20 apresenta vários temas



que buscam disseminar e cultivar as raízes italianas da comunidade de descendentes de Cascavel e região.

Já existiu um coral italiano na cidade, chamado Raízes da Itália, conforme declaração dos entrevistados do programa de rádio no fim da reportagem ao jornal O Paraná: “Tínhamos o coral Raízes da Itália e vínhamos fomentando a preservação da nossa cultura e então decidimos fazer o programa”. A Secretaria de Cultura também mantém no Museu da Imagem e do Som (MIS), de Cascavel, uma fotografia de apresentação do coral no V Festival de Música de Cascavel em 1993. Não há registros, no entanto, de quando surgiu e quando se encerraram as atividades da equipe.

Outra manifestação da cultura italiana em Cascavel pode ser vislumbrada na Praça Itália da cidade, localizada na Avenida Brasil com a Rua Rocha Pombo, no Bairro São Cristóvão. Segundo o *site* da prefeitura da cidade (www.cascavel.pr.gov.br), o local foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 2006, em comemoração aos 54 anos do município. O principal monumento da praça é o Leão Alado, uma reprodução da Praça de São Marcos, em Veneza - Itália, capital do Vêneto, região de origem da maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil, o qual tem como simbologia mitológica a força e a proteção contra os invasores externos. Vale lembrar que o Leão Alado também é o símbolo da região do Vêneto, assim como de inúmeras outras entidades administrativas civis e militares. O símbolo aparece, ainda, em todas as cidades que estiveram sob o domínio da República Veneta, normalmente nas praças principais e nos edifícios históricos, assim como em bandeiras, brasões, estátuas e moedas. A praça, assim como o Leão Alado, é uma homenagem aos primeiros imigrantes e descendentes de italianos que chegaram a Cascavel, na década de 1950. O pilar que forma o monumento representa a continuação das famílias e os anéis são as uniões das famílias.

O resgate da cultura italiana em Cascavel pode ser percebido também pela busca de cursos de Língua Italiana, no ensino formal. A existência do curso de Letras Português/Italiano, da Unioeste, é um exemplo, assim como do curso de Língua Italiana oferecido pelo Programa de Ensino de Línguas (PEL), da mesma instituição. Além destes, os cursos em escolas particulares e o Centro de Estudos de Línguas Modernas (Celem), são outros exemplos.

O Centro de Cultura Italiana (CCI) é uma instituição que funciona nos estados do Paraná e Santa Catarina, com o objetivo de difundir o ensino da língua italiana no Brasil. Fundado em 1992, o CCI começou suas atividades no ano seguinte e atua em mais de 100 municípios nos dois estados. Em Cascavel, o Centro de Cultura Italiana foi implantado em 1994 e os cursos de Língua



Italiana foram ofertados até 1998, na sede do Círculo Italiano, o que passou, depois, a funcionar no convento das Irmãs “Franciscanas Angelinas”. Hoje, porém, Cascavel não conta mais com os cursos do CCI.

Segundo dados da pesquisa realizada por Ribeiro (2005, p. 38), a luta pela implantação da habilitação de Italiano no curso de Letras da instituição iniciou em 1998 e foram dois anos de negociação para que se conseguisse implantar o curso. No entanto, ela conta que a implantação ocorreu de fato somente em 2003, quando as 50 vagas do curso foram divididas, ficando 20 vagas para a habilitação em inglês, 15 para italiano e 15 para espanhol.

Já o Celem, criado em 1986, é um projeto do governo do estado do Paraná, o qual tem como objetivo a complementação da formação de alunos dos ensinamentos Fundamental e Médio, mas começou a funcionar em 1988. Ribeiro (2005) explica que a inclusão das línguas ocorre com base na demanda e na necessidade da comunidade.

A inclusão da língua italiana no Celem, do município de Cascavel, ocorreu mediante concurso público realizado no final do ano de 2004 com a admissão do professor logo no início de 2005. Como já dissemos anteriormente, a comunidade cascavelense é composta de muitas pessoas de origem italiana, a porcentagem está entre 60% e 70% segundo a Secretaria da cultura deste município (RIBEIRO, 2005, p. 42).

Vale lembrar que, tanto o curso de Letras Português/Italiano, da Unioeste, quanto os cursos de língua oferecidos pelo PEL, pelo Celem, pelo CCI, e em escolas particulares, tem como base o ensino da língua italiana padrão, idioma nacional da Itália, que tem como base o dialeto toscano, o qual surgiu na apreciação e admiração da língua da *Commedia* de Dante, do *Decameron* de Boccaccio e do *Canzoniere*, de Petrarca, clássicos da literatura italiana medieval, de 1300, mas que evoluiu e se transformou com o tempo. Este idioma foi reformulado e oficializado, no entanto, somente depois da segunda metade do século XIX, quando a unificação política italiana ocorreu.

O ensino do italiano como língua estrangeira, com base no italiano contemporâneo, portanto, é diverso da variedade preservada, por exemplo, pelo grupo de canto *Filò* e pelo programa de rádio *Italia del mio cuore*, os quais tem como intuito preservar a forma linguística que seus avós trouxeram da Itália, ou seja, o dialeto vênето, o qual foi modificado no Rio Grande do Sul e que passou a ser chamado de *talian*.



Percepções sobre manifestações da italianidade em Cascavel

Festas, associações étnicas, manifestações artísticas e midiáticas, encontros de família, entre outras iniciativas são resultados de algumas das expressões de italianidade de descendentes de italianos em diversas partes do Brasil.

No Sul do país, essas iniciativas são frequentes, com o intuito de reconstruir as origens e reencontrar as raízes de grupos de descendentes de italianos. Esses movimentos, portanto, servem como base para reflexão, pois, ao analisar as percepções e atitudes dos informantes desta pesquisa de mestrado sobre essas manifestações étnicas, compreendemos um pouco mais sobre as crenças deste grupo, pois a cultura de uma comunidade pode ser expressa de diversas formas, tais como língua, dança, música, culinária e eventos sociais.

Colognese (2004) aponta que na década de 1990 ocorreu uma “efervescência étnica” entre os descendentes de italianos do Sul do Brasil, o que explica o surgimento de ações e grupos em prol à cultura italiana também em Cascavel, como o Círculo Italiano em 1991, o coral Raízes da Itália na mesma década, o Centro de Cultura Italiana (CCI) em 1993, o *Gruppo Folklorico Italiano Ladri di Cuori* em 1995, o programa *Italia del mio cuore* em 1996 e do grupo *Filò* de canto de música folclórica italiana em 1997.

Durante a primeira metade da década de 2000, segundo Colognese (2004), passou a vigorar um processo de “descontinuidade étnica” entre os descendentes e que os mais jovens não estavam interessados nos movimentos étnicos em prol à italianidade. Neste mesmo período, no entanto, em Cascavel, surgiram a *Agenzia Consolare Onoraria* em 2000, o Curso de Letras Português/Italiano da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) em 2003, o ensino de Língua Italiana no Centro de Estudos de Línguas Modernas (Celem) em 2005 e a inauguração da Praça Itália em 2006. No entanto, devemos considerar que essas ações se materializaram na década de 2000, mas vinham sendo fomentadas na década anterior, o que comprova novamente a percepção sobre a “efervescência étnica” na década de 90 defendida por Colognese. Entre todas as manifestações em Cascavel, vale frisar que o Círculo está praticamente inativo e que o CCI e a *Agenzia Consolare* encerraram suas atividades.

Na década de 1990, a “efervescência étnica” se direcionava muitos mais à cultura italiana folclórica, àquela trazida pelos imigrantes italianos. Na década de 2000, porém, as manifestações



são direcionadas muito mais à cultura italiana contemporânea, à cidadania italiana, ao ensino formal por meio da graduação em Letras na Unioeste, no Celem e em escolas de língua, assim como à construção de monumentos como a Praça Itália.

Colognese (2011) observa que para a recuperação de laços étnicos, além dos encontros de parentelas (família) e da criação de associações, há ainda “a recuperação de objetos e utensílios pertencentes aos antepassados, a reconstrução de genealogias e histórias dos grupos familiares, o encaminhamento de processos com vistas à obtenção da cidadania italiana etc” (COLOGNESE, 2011, p. 143), o que no Oeste paranaense não é diferente, ainda que as manifestações não sejam tão frequentes como no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Em Cascavel, as festas e associações criadas em torno da variedade linguística minoritária, *talian*⁷, e da cultura de imigração deixam claro o contexto italiano existente no município e as fronteiras estabelecidas por este grupo. Os próprios informantes lembram os **movimentos** em prol à cultura de seus antepassados no município:

HGIIIa - Tem só o Círculo Italiano. Ah, sim. Tem programa de rádio que eu faço parte, *Italia del mio cuore*. O grupo *Filò*, que é 15 anos que eles vêm aqui nessa sala aqui. Até a hora da novela tão tudo aqui. Depois nois vamos lá fechemo a porta e o que nós fala não se aproveita nada. Tem o grupo de dança *Ladri di Cuori*. É importante. Difunde a cultura italiana.

Do mesmo modo, os outros informantes dessa faixa etária destacam o grupo *Filò*, o programa de rádio *Italia del mio cuore* e o Círculo Italiano. O informante HGIIc, da faixa etária intermediária, no entanto, cita outros exemplos, tais como a Universidade, que conta com a graduação de Letras Português/Italiano.

Os informantes, tanto da faixa etária intermediária, quanto da mais jovem, de ambos os sexos, destacaram tanto a cultura italiana contemporânea, representada pelo ensino de língua italiana padrão por meio do curso de graduação da Unioeste e cursos de língua estrangeira, como

⁷ A maioria dos italianos, ao chegarem ao Brasil, era monolíngue, falava o dialeto de sua região italiana de origem - Veneto, Lombardia, Trentino Alto Ádige e Friuli Venezia Giulia - do Norte da Itália. Como quase 60% dos imigrantes italianos eram do Vêneto, foi o dialeto desta região que prevaleceu entre eles. “[...] a coíné resultante do contato entre os diferentes dialetos italianos e denominada de dialeto vênето, vênето riograndense ou *talian* foi uma língua franca, pois possibilitou a interação de imigrantes italianos advindos de diferentes regiões” (PERTILE, 2009, p. 32). Surge, então, nesse contexto, uma nova língua que teve no início função de *koíné*, ou seja, de comunicação entre famílias italianas que tinham modos de falar distintos. Com base no dialeto vênето, as famílias italianas, em um novo contexto, em que se falava português, quando se tornaram bilíngues, acabaram transformando o dialeto vênето. Este sofreu influências do português e assim se transformou em um novo modo de falar, chamado de *talian*, ou de *vênето brasileiro*, o qual está presente, também, no Oeste do Paraná.



os mesmos movimentos citados pelos mais velhos, o que evidencia que quando se fala em cultura italiana, a memória dos informantes também se remete àquela cultivada pelos antepassados, à cultura do *fogolaro*, da polenta e *dei nonni*, as quais foram recriadas por movimentos, festas e associações étnicas. Entre as respostas, destacamos as três a seguir, por exaltarem a importância e criticarem a falta de ações em prol à preservação da cultura italiana no município:

HGIIB - O Círculo, né, que eu saiba. Apesar que tá meio parado... [Além do círculo?] Tem o programa de rádio que eles fazem, né. [Você acha importante?] Sim, claro que é importante, pra manter, deixar viva a cultura italiana, né. [Mas porque você acha importante manter viva a cultura italiana?] Porque, ué, porque o que tem de pessoas de descendência italiana na região, eu vejo que, to várias vezes na rádio lá e o que eles recebem de ligação daqui e da região... [Sério?] É... Então o pessoal gosta de ouvir, né. [Não sabia que era tão ouvido...] Sim... Tem um irmão do Nicheti, que mora na Itália e ele ouve o programa daqui lá na Itália. Já se falaram no programa pelo telefone... É importante porque assim, você vê que abrange, né, não é só Cascavel é a região aqui de fora, Corbélia, Toledo, essas coisas, que eles recebem ligação lá.

MGIIB - Tinha o Círculo, né? Tinha! (risos). Tem. O Círculo existe, só que tá assim parado, né? Acho que as pessoas se cansaram, né. Bom, nós também cansamos. Eram poucas pessoas pra trabalhar e muito trabalho... Ninguém mais quis assumir a diretoria, né, ser presidente, ter uma diretoria pra estar nisso. Aí a gente passou pra um grupo de jovens, né, que queriam tanto, queriam queriam, foi passado pra eles essa presidência, pra eles trabalharem e até agora, faz dois anos que não fizeram nada até agora. [É importante esse tipo de coisa?] Sim, acho. Justamente pra manter, né, a cultura italiana, pra não se perder isso, né.

Percebemos, assim, com os depoimentos dos entrevistados da faixa etária intermediária, que eles valorizam essa disseminação da cultura italiana. Dentre as respostas, o informante HGIIB destacou a abrangência do programa de rádio, evidenciando o interesse da comunidade do Oeste do Paraná pelo programa e conseqüentemente, reafirmando o processo histórico de colonização italiana na região. Alguns informantes, por outro lado, demonstram que nem toda a comunidade italiana está integrada a esses movimentos, quando questionados sobre a existência de ações em prol à cultura italiana:

MGIIC - Sim. O Círculo Italiano. [Tem mais alguma? Programa ou algo...] Não que eu conheça...

A resposta acima, assim como o comentário anterior de MGIIB, evidenciam que talvez nem todos os membros da comunidade italiana tenham interesse ou conhecimento para manter os elementos culturais e que assim, como Colognese (2011, p. 143) observa, “as relações geracionais se revelam centrais para a configuração que as identidades e movimentos étnicos assumem a cada momento em diferentes ambientes”.



Colognese (2011) definiu quatro coletividades geracionais no grupo étnico de descendentes de italianos. A primeira, segundo ele, é aquela formada pelos imigrantes italianos que vieram para o Sul do Brasil entre 1875 e 1914, que se fixaram em áreas rurais e foram os colonizadores de territórios vazios. A segunda coletividade geracional é formada por descendentes de imigrantes italianos, que nasceram ou não no Brasil, “mas que tiveram a infância marcada pela vivência em famílias numerosas e comunidades rurais relativamente homogêneas em termos étnicos”. Foi esta coletividade a mais marcada pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e o Decreto-Lei n.383, de 14.04.1938, do Presidente Getulio Vargas. No âmbito desta pesquisa são os pais e/ou avós dos informantes mais velhos, da GIII, que fizeram parte dessas duas primeiras coletividades geracionais.

A terceira coletividade definida por Colognese (2011) designa os informantes da faixa etária mais velha, GIII, desta pesquisa, assim como da faixa etária intermediária, GII:

Uma terceira coletividade geracional é formada por descendentes de italianos que tiveram contato e vivências limitadas em famílias e comunidades rurais de predomínio étnico italiano, especialmente na infância. Passaram por trajetórias migratórias para o meio urbano, onde concluíram a escolarização e passaram a viver em ambientes heterogêneos em termos étnicos. Experimentaram vivências esporádicas e ocasionais em ambientes típicos de descendência italiana, basicamente em ocasiões de visitas aos nonos e demais membros da parentela que permaneceram no meio rural e em comunidades típicas italianas. Não foram incentivados pela coletividade geracional anterior a cultivar a identidade étnica específica, motivo pelo qual muitos aprenderam rudimentos do dialeto com os nonos e não com os pais. Nas cidades vivem isoladamente o que desperta certo saudosismo em relação ao passado. É a coletividade geracional responsável pela efervescência étnica atual. São pessoas bem sucedidas, urbanizadas e que identificam o fator étnico como uma forma de valorização e prestígio social (COLOGNESE, 2011, p. 145).

Segundo o autor, o grupo pode ser descrito como os revivificadores da etnia italiana, “responsáveis pela efervescência étnica atual”. Em Cascavel, são eles os encarregados pelos grupos de canto *Filò*, programa de rádio *Italia del mio cuore* e Círculo Italiano, por exemplo.

Os informantes da GI desta pesquisa, por sua vez, podem ser designados, assim como os descendentes de italianos exemplificados por Colognese, como pertencentes à quarta coletividade geracional:

A quarta coletividade geracional no grupo étnico dos descendentes de italianos é representada pelas pessoas nascidas aproximadamente a partir da década de

1980 no meio urbano das cidades e que não tiveram contato com famílias e comunidades típicas de descendentes de italianos. Foram socializados em ambientes heterogêneos em termos étnicos, não conhecem o dialeto, a culinária, os cantos e a trajetória das gerações anteriores dos representantes do grupo étnico. Por este motivo não são portadores de um sentimento de pertencimento étnico e não manifestam interesse pela identidade étnica específica. Os movimentos de italianidade e efervescência étnica visam atingir esta coletividade geracional, afim de resgatar os seus vínculos étnicos (COLOGNESE, 2011, p. 145).

De fato, muitos dos descendentes de italianos, assim como diversos informantes desta pesquisa, não conhecem o *talian* e a trajetória de seus antepassados. No entanto, nem sempre as fronteiras geracionais correspondem ao esperado, como o próprio autor reconhece. O grupo de dança *Ladri di Cuori*, constituído por jovens da GI, por exemplo, demonstra como as dimensões sociais não são homogêneas, permanentes, imutáveis e previsíveis.

Sendo assim, nem sempre a idade determina as crenças e atitudes de determinado informante. Bao reitera que por meio do arranjo geracional estabelecido por Colognese, das quatro coletividades geracionais, “é possível perceber como os eventos históricos de relevo são marcadores de diferenças nas experiências geracionais” (BAO, 2014a, p. 25), ou seja, que as vivências sociais podem ser mais determinantes que a faixa etária em si.

Além disso, todos os entrevistados mais jovens, apesar de não demonstrarem tanto interesse pela cultura italiana e participarem de ações étnicas como os mais velhos, demonstraram que sabem quais são esses movimentos, o que se confronta com o esperado da geração mais nova, definida pela quarta coletividade geracional. Sendo assim, os próprios informantes da geração mais nova falam quais são os movimentos em prol à cultura italiana em Cascavel e frisam a importância dessas manifestações para algumas pessoas:

HGIa - O Círculo Italiano. É importante porque muita gente acha muito importante essa ligação com a cultura original e tal. Pra essas pessoas é muito importante porque elas precisam disso, elas acham que isso é muito importante, elas precisam viver isso, conviver com isso. E sem esse tipo de coisa, sem uma família ou sem um grupo que faça isso não vai ter. Então, pra eles é muito importante.

MG1c - Tem uma associação eu acho, não sei se é associação... Mas tem, eu sei que tem. Não sei exatamente o nome... Acho que é importante pra quem... Tem gente que acha importante essa cultura e às vezes as vizinha querem conversar em italiano com as outras vizinhas. Acho que é importante sim.



Todos os informantes dessa faixa etária frisaram a importância em se manter viva a cultura italiana. Entre eles, a maioria se relaciona de alguma forma com os revivificadores da língua e da cultura italiana em Cascavel, o que também justifica o fato de esses informantes confrontarem o que se espera dessa faixa etária, dessa quarta coletividade geracional. Além disso, tais respostas, que demonstram o conhecimento e o respeito a movimentos de grupos italianos, são resultados das associações étnicas, as quais são caracterizadas como ações “interessadas em socializar a geração mais nova de ‘descendentes’ e orientá-la no sentido da manutenção e da perpetuação dessas ‘tradições’, ou melhor, dessa diferença” (BAO, 2014a, p. 21), como é o caso dos componentes do *Ladri di Cuori*.

Por outro lado, porém, todos esses informantes se referem a essa cultura italiana como constituição do “outro”, como se eles não fizessem parte dessa comunidade, como observamos nos seguintes trechos extraídos dos comentários acima: “muita gente acha muito importante essa ligação com a cultura original e tal. Pra essas pessoas é muito importante [...]” (HG1a); “pra poder trazer de volta essa raiz” (HG1b); “pra aproximar as pessoas que tem descendência e que tem interesse em comum” (MG1a); “Tem uma associação eu acho, não sei se é associação... Mas tem, eu sei que tem” (MG1c). A declaração de MG1c demonstra a parcela de descendentes de italianos que não interagem e não sabem o que se passa dentro do próprio grupo étnico, o que é definido por Colognese (2011, p. 145) quando este enfatiza que os mais jovens “não conhecem o dialeto, a culinária, os cantos e a trajetória das gerações anteriores dos representantes do grupo étnico”.

HG1c, por sua vez, destaca a universidade e consequentemente a língua padrão, por meio do curso de graduação e do ensino de Língua Italiana no PEL. Paralelamente, no entanto, o mesmo informante frisa as *chiacchieratas*, ou seja, as conversas em italiano de algumas famílias, as quais ocorrem de forma isolada, e principalmente os encontros de família, citando diversas, tais como Lazzarin, Boschirolí e Richetti:

HG1c - Aqui em Cascavel tem várias famílias, por exemplo, os Fabian... Esse ano, por exemplo, vai ter um evento que o Ladri di Cuori vai apresentar num encontro de famílias, aqui em Cascavel. Mas a gente fez dos Boschirolí, dos Lazzarin, fez do Richetti, do Richetti vai ser esse ano também, o segundo. Então, tem vários encontros de famílias aqui em Cascavel.

Além de o informante ser participante do grupo de dança da cidade, o que confronta a teoria de Colognese sobre a quarta coletividade, ele frisa que o *Ladri di Cuori* participa ativamente



dos encontros de família, deixando claro o sentimento de pertencimento étnico a essa comunidade italodescendente. Savoldi (2008) observa o papel dessas festas de família:

O culto aos ancestrais que imigraram é ritualizado em todos os eventos, prestam-se homenagens, é narrada a história destes ancestrais para todos os participantes. Destacado o apreço destes ao trabalho, família e religião. A italianidade merece destaque especial nestes eventos, o culto aos ancestrais está associado ao culto à italianidade. As associações italianas participam efetivamente tanto dos encontros de família, como da organização das mesmas (SAVOLDI, 2008, p. 33).

O autor destaca que tanto os encontros de família como os movimentos sociais em prol à cultura italiana são formas de consagrar e homenagear os ancestrais, valorizando-os e destacando-os como portadores de valores étnicos calcados no trabalho, na família e na religião.

Outra forma de manifestação e celebração da cultura são as festas étnicas. Nesse sentido, Krug (2004) ressalta que da mesma forma que os grupos, corais e cantores voluntários, a promoção de eventos, festas e bailes exercem a função de reforçar a identidade de um grupo. Oro comenta sobre os movimentos italianos:

Ora, as festas contribuem favoravelmente para promover e valorizar o colono, mostrando sua produção de alimentos – alimentos “puros”, “não contaminados”, “saudáveis”, apesar das condições adversas – enaltecendo sua bravura, espírito de luta e dedicação ao trabalho. Ou seja, essas festas constituem-se em ritos de rememoração do “herói fundador” e de celebração do “mito de origem” (ORO, 1996, p. 625).

As festas são, portanto, formas de expressão da identidade étnica, assim como os grupos de canto e de dança, o Círculo e o programa de rádio. Tais movimentos oportunizam a expressão da cultura *taliana*, recriada por alguns imigrantes e descendentes italianos e são, sobretudo, a afirmação da identidade étnica dos descendentes italianos de Cascavel/PR.

Oro (1996, p. 624) observa que as festas italianas, de comunidades sulistas, seguem um padrão: “Tais festas obedecem a uma estrutura mais ou menos comum, com escolha de rainhas e princesas, missa solene, muitas vezes celebrada em talian, [...] produtos industriais, artesanais, agrícolas, pecuários e alimentícios” (ORO, 1996, p. 624).

O autor conta que, com o passar dos anos, muitos municípios passaram a realizar festas italianas anualmente, como: a Festa Nacional do Vinho, em Bento Gonçalves; a Festa Nacional



da Champagne, em Garibaldi; a Festa da Maçã, em Veranópolis; a Festa da Vindima, em Flores da Cunha; Festa do Leite, em Carlos Barbosa; Festa Colonial da Uva, em Otávio Rocha; Festa dos Produtos Coloniais, em Nova Pádua; Festa do Queijo e do Vinho, em Antonio Prado. Claro que o autor cita apenas as festas referentes ao seu contexto de estudo, ou seja, Rio Grande do Sul, mas vale lembrar que em Santa Catarina também há esses tipos de eventos, assim como na região Oeste do Paraná. A Festa da Polenta, em Santa Tereza do Oeste, que está na sétima edição, é um exemplo.

A Festa das Colônias em Cascavel existe há mais de 20 anos, no entanto, não prioriza a cultura italiana, mas mostra a multietnicidade no município. Entre as iguarias de diversas etnias, o grupo do Círculo Italiano sempre trabalha e faz pratos típicos, como na 23ª edição da festa, em 2013, com o “Jantar all’italiana”, tendo como prato principal “*Maiale alla pentola con polenta e radicci*”, conforme publicações dos diários.

Em Cascavel, as **festas italianas** eram recorrentes. Hoje, no entanto, elas quase não ocorrem mais, conforme alguns informantes declararam nas entrevistas aplicadas em 2013:

HGIIIa - Hoje não tem mais. Existia... Precisaria.. Nós tínhamos uma vez por ano a festa da Pasta Sciuta. Tinha... O círculo italiano [organizava]. Tinha a Festa da Rainha do Circulo Italiano também.. Tá meio parado faz uns seis anos....

HGIIa - Existia muitas. Hoje são muito poucas. São extremamente importantes para o consagrando dos descendentes e a língua, o dialeto, a música e as anedota...

MGIb - Festa italiana? Tem né? [Tem?] Tem... não sei... quer dizer, tinha... Não, ultimamente tá tudo parado. [É?] Até quando o Círculo Italiano tava assim em atividade, né? Tinha... Nós fazíamos Baila da Rainha, Baile de Máscaras, vários jantares, almoços por ano. De uns quatro anos pra cá foi parando, parando e tá totalmente parado agora.

MGIa - Acho que não tem mais. Tinha... [Qual?] Todo ano tinha a Polenta com Codorna e tinha um Festival de Massas. Que era o Círculo que fazia. Era bom (risos), era bem gostoso. Teve um festival de massas uma vez, ai que delícia. Era aquelas equipes competindo, fazendo receita da família, sabe? Daí o pessoal comprava os ingressos e podia experimentar de todos e tinha que escolher uma equipe, votar. Era legal, bem divertido. Foi bem legal.

Os informantes destacaram as décadas passadas, quando ocorriam festas italianas em Cascavel com mais frequência, como um período positivo, e alguns deles, como a informante MGIa, referem-se a esse momento com saudosismo. Eles frisam, no entanto, a inatividade do Círculo Italiano e a falta de festas e eventos em prol à italianidade, o que demonstra como a comunidade não age mais tanto em prol à preservação das fronteiras étnicas por meio de festas e



consagrações, o que é apontado como ponto negativo em relação à comunidade e uma autocrítica. O informante HG1b, por exemplo, ao dizer “Quando os mais novos assumiram o Círculo Italiano, acabou” deixa claro a crítica aos mais jovens, apesar de ele fazer parte desse subgrupo.

No ano de 2014, porém, algumas manifestações ocorreram, diferentemente dos anos anteriores. No dia 6 de setembro de 2014, por exemplo, o *Gruppo Folklorico Italiano Ladri de Cuori* realizou o Jantar Italiano, em Cascavel, junto com a programação da Festa do Morango do município. O grupo ofereceu ainda, nos dias 25 e 26 de outubro do mesmo ano curso de confecção de Máscaras de Veneza. Em 2015, no dia 24 de janeiro, ocorreu o Jantar Italiano e no dia 28 de fevereiro o Jantar Dançante, ambos promovidos pelo grupo jovem de dança *Ladri di Cuori*. O objetivo, segundo reportagem veiculada na TV Oeste (RPC-Globo), em fevereiro, é angariar verba para o que o grupo possa pagar as passagens aéreas para se apresentar na Itália, em abril.

Apesar disso, e de existirem outras formas, ainda, de manifestação da cultura na cidade, todos os informantes acreditam que apenas esses grupos não sejam suficientes para manter a cultura italiana viva na comunidade. Algumas respostas à pergunta 108 - *Você acha que o que existe e está sendo feito é suficiente para manter e promover a cultura italiana? Qual a sua opinião?* - deixam claro tal posicionamento:

HGIIIa - Não. Precisaria mais. Outros grupos. Outros programas de rádio. Revista, qualquer coisa. Hoje trouxe o Correio Rio-grandense. Tem uma parte sempre escrito em italiano, história de Naneto Pipeta. [É uma coluna, né?] No jornal é uma coluna.

MGIIa - Não. Porque abrange muitas poucas pessoas. Deveria envolver mais a comunidade. A festa italiana em Blumenau, que tem italianos e alemães, existe festa italiana da cidade. E eles competem, apesar dos italianos serem menos que os alemães...

Tais comentários demonstraram uma comparação que os informantes fazem das ações em prol à etnia em Cascavel com cidades de colonização italiana do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, locais de destino e de desbravamento dos imigrantes italianos. Em cada contexto, a postura dos descendentes pode ser diferente, dependendo do posicionamento dos integrantes na comunidade, das vivências, experiências e relações de proximidade com a cultura.



A informante MGIIa citou também as festas de Blumenau, em Santa Catarina, e enfatizou positivamente a competitividade entre os descendentes de italianos e alemães em relação às celebrações e festas de suas etnias.

Os entrevistados para a pesquisa também criticaram e apontaram pontos negativos tanto em relação a pouca dedicação dos próprios descendentes de italianos como em relação à falta de incentivo do governo municipal:

HGIIa - Não. Poderia-se fazer mais. O descendente de italiano de uma maneira geral, ele é, apesar de ser amigo, é relapso, relaxado. Não dá valor aquilo que ele tem. Ele só vai começar a dar valor quando começar a perder, quando tá perdido já.

MGIIB - Não. Acho que não. Tinha que ter... por exemplo, essa cultura poderia até a própria Secretaria de Cultura do município poderia também estar entrando nisso, trazendo corais, né, pra se apresentar aqui, até da própria Itália, porque tem grupos lá muito bons. Nós trouxemos na época em que a gente tava à frente da diretoria, vieram vários corais de lá e eles fazem esse intercâmbio, entendeu? Pra estar se apresentando... Então poderia ter várias... O curso mesmo de italiano, ultimamente é mais as escolas particulares que tem os cursos e na Uniãoeste, né, que acampou e tá mantendo, mas fora disso... O próprio Círculo Italiano teve um período que tinha as aulas, né, de italiano... e que também se perderam, né. Então acho que se poderia fazer mais coisas pra manter essa... Mas tá tudo parado e a cultura mesmo, a Secretaria de Cultura você vê que não... [Não se preocupa muito?] Não! E não só com o italiano, mas com o alemão, com os ucranianos, né, que tinha grupo de dança ucraniana, tinha o grupo de alemão também, que eles tinham uma associação que era muito boa também, mas você vê que não tem mais, acabou. [É... triste...]. Bota triste nisso!

A informante MGIIB também observou a falta de incentivo a todos os grupos minoritários étnicos em Cascavel e lamentou a inatividade do Círculo Italiano e de ações em prol à cultura da comunidade. Ela comentou, ainda, a falta de cursos de língua italiana no Círculo, que ocorriam antigamente. Da mesma forma, a informante MGIIc observou a língua como expressão da cultura:

MGIIC - Não. Eu acho que devia divulgar mais. E aprenderem a língua italiana também, né, que não é só ouvir, tem que saber falar também.

As duas informantes do sexo feminino, MGIIB e MGIIC, registraram a língua como parte da cultura, assim como Bao (2014a, p. 75-76) observa que as identidades étnicas “são (re)atualizadas constantemente no tempo presente com base em instituições significadoras de símbolos que materializam o passado em construções arquitetônicas, nas letras (língua), na culinária”, entre outras ações.



As mulheres apresentam uma preocupação maior com o ensino formal da língua italiana e como o fator diasssexual pode influenciar nas diferenças linguísticas e comportamentais dentro de um mesmo grupo. Comprovam-se, assim, estudos que indicam que as mulheres têm mais consciência linguística, pois há “uma maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas” (PAIVA, 2004, p. 35).

A consciência étnica e o conhecimento das ações em prol à cultura italiana em Cascavel podem ser observados mais uma vez pelos descendentes mais jovens, como no comentário a seguir:

HGIb - Não. O Círculo Italiano como falei, ele tá parado, acho que ele só existe, não tem mais nenhum tipo de festa. O grupo de dança acho que é o que mais leva pra fora essa cultura daqui, a parte da cultura italiana daqui de Cascavel, é o que leva pra fora. E o programa acho que é uma coisa mais voltada pra quem já conhece essa cultura. Que o jovem dificilmente escuta. Quem escuta é mais o cara da colônia, que já fala aquele dialeto e ele quer... Ele escuta talvez pra lembrar dos pais, dos avós conversando, acho que mais é isso.

O informante observou a proximidade do grupo de dança *Ladri di Cuori* com os jovens e com o *status* folclórico contemporâneo, enquanto que o programa de rádio reflete muito mais à cultura italiana folclórica reconstruída pelos imigrantes no Brasil, calcada na variedade linguística minoritária italiana e na cultura construída em espaços coloniais e agrícolas.

Constatamos, enfim, que todos os informantes declararam a não manutenção e preservação da cultura italiana em Cascavel, sejam eles da geração mais velha, sejam da intermediária ou da mais nova. O que chama a atenção é que apesar de os mais jovens não saberem falar a variedade linguística italiana minoritária, e a maior parte não se envolver em movimentos culturais dessa etnia, quase todos acreditam que deveria ser mais valorizada a cultura e que a comunidade precisaria de mais promoções e manifestações. Os informantes acabam frisando os movimentos étnicos em torno de ações culturais muito mais responsáveis pela identidade étnica do grupo do que a língua. Neste aspecto, a comunidade italiana de Cascavel se identifica com outras comunidades, como Krug comprova:

A identidade de diversos grupos em contato faz-se perceber, além disso, no âmbito do planejamento cultural de cada comunidade. É neste terreno que parecem surgir os símbolos concorrentes mais fortes da língua na expressão da identidade do grupo. Um exemplo são os grupos de danças folclóricas. **Não raro observam-se casos em que integrantes desses grupos não falam mais a língua minoritária e, no entanto, apresentam uma identidade fortemente ligada à etnia e à sua cultura.** A presença de outros ícones



suficientemente claros para garantir a expressão da identidade étnica, como os **trajes típicos e a música, parece dispensar e substituir a língua** nessa função. Esta deixa de ser um traço obrigatório da identidade do grupo étnico, para cumprir uma função mais auxiliar (KRUG, 2004, p. 11-12, grifo nosso).

O grupo de dança *Ladri di Cuori*, de Cascavel, também evidencia essa realidade. A equipe é composta por jovens que não falam nenhuma das variedades do italiano. No entanto, estes apresentam uma identidade fortemente ligada à etnia e à cultura italiana. Devemos, portanto, diferenciar as atitudes para com a língua das atitudes para com a comunidade e para com a cultura, pois muitas vezes elas podem não coincidir. Por isso, assim como Colognese (2004, p. 166) destaca, é preciso observar que “a italianidade não é uma essência dada de uma vez para sempre, mas, sim, uma identidade construída e reconstruída constantemente”.

Hoje, as fronteiras étnicas, no entanto, são diferentes daquelas dos imigrantes e dos descendentes mais velhos. Os mais jovens, de maneira geral, acabam se direcionando mais à cultura italiana contemporânea, enquanto os mais velhos e com algumas exceções, de jovens mais envolvidos com as próprias raízes, valorizam a cultura italiana folclórica, aquela recriada em solo brasileiro. A identidade étnica de alguns jovens, no entanto, como HGIC, são resultado de um processo assíduo dos revivificadores mais velhos, que criaram e lutaram pela criação de associações étnicas e pela preservação da cultura italiana de alguma maneira. HGIC, no caso, apesar de não falar o *talian* e valorizar mais a língua padrão, promove e preserva a cultura italiana por meio da dança folclórica, recriada pelos descendentes.

Petrone (1996, p. 629) chama atenção para o fato de a cultura italiana recriada no Brasil não ter mais significado perante aquela da Itália moderna atual. Para o autor, as comunidades italianas em terras brasileiras não se aproximam daquela do país de origem. Assim, atualmente: “[...] tais comunidades não mais espelham, e nem poderiam espelhar, a Itália do tempo da grande emigração. [...] Seria absurdo tentar forçar uma identificação entre as comunidades de *oriundi* sediadas no Brasil e a Itália atual no plano cultural” (PETRONE, 1996, p. 635).

É importante, portanto, observar que a cultura “*taliana*”, que reflete os hábitos e costumes do italiano que chegou há mais de 100 anos no Brasil, também tem se inovado e se renova constantemente, tanto culturalmente, como linguisticamente. Petrone observa:

A conservação de determinados traços culturais tradicionais não significa necessariamente estagnação cultural, mas tão-somente valorização de alguma coisa profundamente enraizada e de significado identificador de máxima



importância para a população. Acresce que, em muitos casos, a *conservação* é tão somente aparente, na medida em que o que parece tradicional, mesmo mantendo muitos dos traços tradicionais identificadores, já pode ter sofrido um processo de mudança mais ou menos expressivo. Muito, a respeito, pode ser observado, por exemplo, no campo dos cantos populares, ou então no caso do emprego do idioma italiano ou dos dialetos em particular (PETRONE, 1996, p. 634).

Sendo assim, a comunidade étnica italiana não deixou nem deixará de existir, mas se transformou e se inovará constantemente em solo brasileiro, em contato com a cultura do país e de outras etnias presentes. Em Cascavel, por exemplo, talvez, a cultura dos ítalo-brasileiros esteja se direcionando mais à cultura local, que se constitui permanentemente em contato com diversas etnias aqui presentes, mas carregando um sentimento de italianidade sanguínea e de preservação de traços identitários.

Possamai (2006, p. 8) também constata essa realidade em seu campo de estudo, ou seja, no Rio Grande do Sul, quando diz que a população jovem e urbanizada busca “no intercâmbio cultural com a Itália ou mesmo na emigração uma maneira de inserir-se numa sociedade cada vez mais globalizada”, enquanto que os mais velhos buscam a retomada dos valores dos imigrantes.

Bao (2014a, p. 25) frisa que nas narrativas dos descendentes de italianos de Toledo pesquisados por ele, pertencentes à quarta coletividade, chamada por ele de “geração mundo”, percebemos que, apesar de os mais jovens não participarem de ações sociais que fomentem a “italianidade”, esses “ainda se reconhecem como ‘descendentes’, ou seja, mantém a noção étnica de uma ‘origem comum’ pautada em noções de ‘comunidade de sangue’ e ancestralidade territorial”, ou seja, ainda se identificam como descendentes de italianos, da mesma forma que os informantes da faixa etária mais jovem, GI, de Cascavel, desta pesquisa. Isto de fato ocorreu neste estudo, pois, ao contatar os informantes para as entrevistas, verifica-se se eram descendentes de italianos, o que foi afirmado por todos.

Além de descendentes mais jovens como o HGIC, que fomenta o grupo de dança folclórica italiana em Cascavel, todos os informantes da geração mais nova recriam a identidade étnica da comunidade italiana, estabelecendo fronteiras étnicas por meio da “origem comum”, pautada pela ancestralidade territorial e sanguínea, o que dá sustentação para pesquisas nas áreas da Sociologia e da Antropologia Social.

Considerações finais



A comunidade cascavelense constitui uma sociedade plural, composta por diferentes grupos étnicos, como italianos, alemães, ucranianos, portugueses. Integrados à sociedade cascavelense, pois dela participam e convivem, alguns italo descendentes não renunciam, ainda, à própria identidade. Alguns componentes, principalmente os mais velhos, persistem em colocar as fronteiras étnicas e a preservar a *lingua del cuore*.

O programa de rádio *Italia del mio cuore* e o grupo de canto *Filò*, ambos mantidos por homens da faixa etária mais velha e intermediária, são ações revivificadoras da língua e da cultura minoritária italiana. O grupo de dança *Ladri di Cuori*, apesar de evidenciar uma cultura folclórica, que representa aquela trazida pelos imigrantes do século passado, é mantido por alguns jovens, que valorizam a língua padrão e estigmatizam o *talian*.

Enquanto os homens da faixa etária mais velha e intermediária reconstróem a identidade do grupo em torno da heroicidade, da valorização do trabalho e transformam as marcas negativas, como o preconceito que enfrentavam na infância, em marcas positivas, em saudosismo e em solidariedade étnica, valorizando o *talian* e reafirmando a cultura dos antepassados por meio de associações étnicas e movimentos em prol à língua e à cultura dos imigrantes italianos, os mais jovens e as mulheres da faixa etária intermediária reconstróem sua identidade étnica em torno da língua padrão e da cultura contemporânea. Do mesmo modo, aqueles que fazem parte do grupo *Ladri di Cuori*, os quais retratam a cultura folclórica de seus antepassados, recriam e conferem prestígio ao grupo. Assim, os informantes mais jovens, participantes ou não de movimentos étnicos, reinventam a identidade étnica marcada em seus sobrenomes, reconstruindo a cultura de italo descendentes, aproximando-a dos costumes locais.

Referências

BALHANA, Altiva Pilatti. Italianos no Paraná. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

BAO, Carlos Eduardo. **Fronteiras da “italianidade”**: representações entre gerações na cidade de Toledo-Paraná (1990-2014). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.



BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

COLOGNESE, Silvio Antonio. **Associações étnicas de italianos**: identidade e globalização. São Paulo: Itália Nova, 2004.

_____. Gerações, fronteiras e italianidade no sul do Brasil. **Tempo da Ciência**, Cascavel, v. 18, n. 36, p. 137-152, 2011.

GIRON, Loraine Slomp; CORSETTI, Berenice. As companhias de colonização - A reprodução do sistema colonial. In: BONI, Luis A. de. (Org.). **Presença italiana no Brasil**. vol. 2. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 483-502.

HEYE, Jurgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 381-411

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante** - RS. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. **Preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano de Curato de Colombo, Paraná, 1888 - 1910**. Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial à conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

ORO, Ari Pedro. "Mi son talian": considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto. **A presença italiana no Brasil**. v. III. Porto Alegre: EST, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PIAIA, Vander. **Terra, sangue e ambição**: a gênese de Cascavel. Cascavel: Edunioeste, 2013.

POSSAMAI, Paulo César. **Italianidade ou venecidade?** A contrução da identidade coletiva entre ítalo-rio-grandeses. 2006. Associação Sul Americana de Filosofia e Teologia Interculturais. Disponível em:

<<http://www.asafti.org/seminario/trabalhos/Paulo%20Cesar%20Possamai.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2014.



POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RIBEIRO, Alessandra Regina. **Aprender italiano**: identidade em (re)construção entre língua cultura em contexto formal. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2005.

SAVOLDI, Adiles. Culto aos ancestrais: encontros de família. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 20-42, mar. 2008.